

## A IDENTIDADE COMO PONTO DE REFERÊNCIA PARA ESCOLHAS CÔNGRUAS NO MIRICISMO COTIDIANO

Laurem Anzolin Silveira<sup>1</sup>, Annalisa Cangelosi<sup>2</sup>

**Resumo:** No tempo livre, nós jovens somos mais suscetíveis a não nos dedicarmos a fazer o que é vantajoso ao crescimento pessoal e profissional: deixando de focar no que realmente importa no aqui e agora, é fácil cairmos em distrações. Isso se dá por não possuímos o conhecimento da própria identidade e não sabermos o que escolher para ser feito. A Ciência Ontopsicológica traz o conceito de miricismo cotidiano como uma prática que visa à atenção aos pequenos afazeres da nossa existência, e pela constância da mesma é possível o autoconhecimento, trazendo como consequência o saber qual é a escolha própria de cada situação, tendo como ponto de partida o critério organísmico. À vista disso, trataremos nesta matéria como o miricismo cotidiano possibilita conhecer a própria identidade para saber escolher o que é útil a si mesmo, em cada momento.

**Palavras-chave:** miricismo cotidiano; tempo livre; identidade; responsabilidade; Ontopsicologia.

### **Identity as a point of reference for coherent choices in everyday myricism**

**Abstract:** In our free time, we young people are more susceptible to not dedicating ourselves to doing what is beneficial for personal and professional growth: failing to focus on what really matters in the here and now, it is easy to fall into distractions. This happens because we do not have knowledge of our own identity and we do not know what to choose to do. Ontopsychological science brings the concept of everyday myricism as a practice that aims to pay attention to the small tasks of our existence, and through its constancy, self-knowledge is possible, resulting in knowing what the proper choice is for each situation, having as a starting point the organismic criterion. In view of this, in this matter we will discuss how everyday myricism makes it possible to know one's own identity in order to know how to choose what is useful to oneself, at each moment.

**Keywords:** everyday myricism; free time; identity; responsibility; Ontopsychology.

### **La identidad como punto de referencia para elecciones coherentes en el mirismo cotidiano**

**Resumen:** En nuestro tiempo libre, los jóvenes somos más susceptibles a no dedicarnos a hacer lo beneficioso para el crecimiento personal y profesional: al no centrarnos en lo que realmente importa en el aquí y ahora, es fácil caer en distracciones. Esto sucede porque no tenemos conocimiento de nuestra propia identidad y no sabemos qué elegir hacer. La Ciencia Ontopsicológica trae el concepto de mirismo cotidiano como una práctica que tiene como objetivo prestar atención a las pequeñas tareas de nuestra existencia, y a través de su constancia es posible el autoconocimiento, dando como resultado saber cuál es la elección adecuada para cada situación, teniendo como objetivo punto de partida del criterio organísmico. Por ello, en esta materia discutiremos cómo el mirismo cotidiano permite conocer la propia identidad para saber elegir lo que le es útil, en cada momento.

**Palabras clave:** mirismo cotidiano; tiempo libre; identidad; responsabilidad; Ontopsicología.

<sup>1</sup> Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: [lauremanzolin@gmail.com](mailto:lauremanzolin@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Pedagogia Experimental (Università degli Studi di Roma La Sapienza/Itália). Professora (AMF). E-mail: [annalisa@faculdadeam.edu.br](mailto:annalisa@faculdadeam.edu.br).

## 1 Introdução

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo elucidar a importância da própria identidade como base para as escolhas ótimas do nosso dia a dia, desde as pequenas, como qual comida preparar, até as maiores, como qual colaborador escolher para a empresa. Cada momento implica uma escolha, como a de estarmos ou não em um determinado lugar, em uma determinada situação de vida, pessoal ou profissional: em todas as situações nos colocamos em escolha, e o que somos também acaba sendo produto de escolhas que, se coerentes, moldam como realmente somos. Meneghetti, dissertando sobre o homem, faz uma comparação com os animais, de que eles sabem exatamente o que fazer, pois sem nenhum estresse procuram aquilo que precisam naquele momento e o fazem. Ao contrário, nós temos a possibilidade de entrar em dúvida, se isso ou aquilo, em culpas do que deixamos de fazer ou do que fizemos de forma errada.

A constatação que cada um pode fazer é que, observando o homem, resulta irresoluto, incompreendido, um motor de dúvidas e um expositor de conflitos. [...] esse homem vive os próprios medos, as próprias frustrações e a própria ignorância, não compreende a si mesmo e as coisas em torno: caminha sem conhecer a estrada e a direção. [...] Cada um participa, além de uma ignorância própria, também de um coletivo de ignorâncias. Ignorância no sentido de que existem dinâmicas, instintos, direções que o homem não conhece (Meneghetti, 2022, p. 125 e 128).

O autor menciona a ignorância que o homem tem de si mesmo e como ela provoca, por consequência, a não compreensão das coisas do mundo, ou seja, tudo aquilo que está fora dele, seu externo. Porque se temos uma ignorância no tratar a nós mesmos, no fazer as

próprias coisas, no cuidar de nós mesmos, não será tão diferente na relação com o outro. Isso implica uma ignorância sobre as próprias potencialidades: pensamos ser pequenos, quando na verdade somos grandes. É uma questão da falta de conhecimento, não nos damos conta de que estamos em interação com coisas a todo o momento – os nossos pensamentos, as nossas vontades, as nossas companhias, o nosso trabalho e as nossas conversas – e vivemos cada situação dessas com superficialidade, sem muita atenção. *Esta passividade perante ao que fazemos se torna a ignorância sobre quem somos de fato.*

O raso conhecimento de nós mesmos resulta em uma percepção errada sobre as situações em que nos colocamos, pois é um conhecimento ainda superficial, por estarmos acostumados a ouvir o que somos a partir da visão de outra pessoa, sempre do externo, não do interno, não daquilo que somos e queremos de fato. Assim não usamos um critério que consinta o conhecimento da própria identidade, um critério com que seja possível medir a realidade: o critério é cada um de nós e só não o aproveitamos porque não sabemos como. Isso acontece quando nos tornamos passivos da situação em horas de decisões; porém, ao usarmos a nós mesmos como critério, saberemos exatamente o que fazer.

Partindo disso, a delimitação do presente tema é do conhecer a própria identidade no miricismo cotidiano, ou seja, a cada escolha assertiva em cada momento, porque, se uma escolha é realizada conforme a própria identidade, é possível sentir o prazer de ser quem somos, pois encontramos a nós mesmos identificados no que fazemos no externo.

Desse modo, é válido verificar se em cada escolha estamos ganhando vitalidade,

sentindo-nos bem ao fazermos, pois isso é fruto do conhecer a própria identidade. O responsável a proporcionar esse ganho somos nós mesmos. *O tema visa elucidar a própria identidade em ação no miricismo cotidiano, para que as escolhas que temos no dia a dia entrem em uma convergência ao que somos.*

## 2 Fundamentação Teórica

O trabalho se estrutura nos seguintes tópicos: O critério de verdade do homem: Em Si ôntico; Tempo e responsabilidade; Miricismo cotidiano como solução para aproveitamento útil do tempo livre; Premissas para a prática do miricismo cotidiano; e Conhecer a própria identidade para alcançar a escolha ótima. Tais tópicos nascem da necessidade de compreender a identidade e a sua relação com o estilo de vida.

### 2.1 O critério de verdade do homem: Em Si ôntico

A Ontopsicologia dentre as suas três descobertas possui a do Em Si ôntico como o critério mediador de conhecimento, definido pelo *Dicionário de Ontopsicologia* como o “Princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2021a, p. 92). Sendo essa a descoberta científica do que é a base essencial de um ser humano, ou seja, do que ele é constituído além da matéria, assim é válido refletirmos sobre cada palavra acima citada.

O homem possui um *princípio* que não é físico, ou seja, ele é constituído por células, e nelas há os átomos, porém mais afundo tem algo que os baseia, e que define uma ordem de acontecimento, uma direção para assim haver

sustentação e manter o corpo. *Formal* porque, sendo o que principia, dá um conteúdo, um tema ou um modo a ser seguido. Deste princípio formal é possível a capacidade de leitura da realidade com base no próprio tema, ou seja, vê o mundo pela sua medida, do latim, *inteligência = intus legere actionem*, que significa aquele capaz de ler, entender, compreender dentro aquilo que acontece consigo e com as coisas à sua volta, sabendo a verdade da situação e de si mesmo (Meneghetti, 2021a, p. 147).

Constatada como metafísica esta primeira parte do conceito de Em Si ôntico, por ser invisível aos sentidos, há a segunda parte: *autóctise histórica*. Aqui é possível evidenciar os seus efeitos quando o homem, no decorrer do tempo, historiciza aquilo que é o seu princípio formal inteligente. Desse modo, as duas partes da definição são unidas, uma influenciando sobre a outra. Este princípio nos identifica, constitui os modos diversos de cada ser humano, portanto faz a identidade de nós mesmos. Como Meneghetti cita (2022, p. 163):

Se plantarmos dez sementes da mesma árvore em dez lugares diferentes e, depois de dois a três anos, formos verificar os resultados dessas dez sementes, nós não encontraremos árvores iguais (mesmos ramos, mesmas folhas, mesma altura etc). Do exemplo das sementes, cada um deve compreender a própria diversidade: de semente (Em Si ôntico) somos todos iguais, porém, de fato, nenhum é igual ao outro.

Com esse exemplo, é evidente que somos únicos e o que nos faz como tal é termos, cada um, uma identidade distinta. Uma analogia para exemplificar é quando precisamos verificar qualitativamente alguma situação, isto é, dizer se algo está bom ou ruim, se está alto ou baixo, se está longe ou perto: para isso, é preciso um critério de modelo que defina o que é bom e o que é ruim, o que é alto e o que

é baixo etc. Para medir a vida de um ser humano, tem-se este princípio como critério indicador do caminho a ser seguido em cada momento. Como afirma Meneghetti (2022, p. 160), “este critério fundamental da natureza é o que defino Em Si do homem: a ordem apriórica e categórica de qualquer ser humano. [...] Tal princípio está na base do conhecimento organísmico”.

Por exemplo, todos os âmbitos das nossas decisões, sejam elas de cunho pessoal, relacional, profissional ou econômico, convergem em uma única direção baseando-se na própria identidade. Assim a identidade norteia a sua comunicação através do corpo, especificamente no critério organísmico ou cérebro viscerotônico, por estar localizado na região visceral: ele é entendido como “a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si” (Meneghetti, 2021a, p. 79). Nesse sentido, o Em Si ôntico aparece, resulta, mostra a sua comunicação em nosso biológico, em especial pelo cérebro viscerotônico. Como Meneghetti cita: “é o organismo que mantém o coração, o fígado, os olhos, a pele, ou seja, é o organismo que provê constantemente a manutenção desta individuação de natureza” (2022, p. 160).

Desse modo, vê-se que há uma inteligência que opera para um funcionamento de todo o corpo e também dos processos racionais: “No nosso corpo, há uma mente que organiza a existência do todo e das partes singulares. Essa intenção de natureza é operante aqui, nesse corpo. A responsabilidade, o concreto da existência é aqui e agora, porque *eu, aqui, sou fenomenologia do meu Em Si ôntico*” (Meneghetti, 2022, p. 160). É com a

inteligência de nós mesmos que entendemos a própria identidade.

Após dissertar sobre a verdade do homem, cabe sabermos como ela se dá no dia a dia.

## 2.2 Tempo e responsabilidade

O objetivo neste item é o de elucidar qual é a relação do homem com o tempo livre. Este sendo uma questão de estilo de vida de cada um, cada qual o vive como pensar ser melhor; porém, sem dar a devida importância, esse não será proveitoso, útil, nem funcional para si mesmo e nem mesmo para os outros como consequência. O tempo livre é nada mais que aquele intervalo entre as tarefas, entre as diferentes atividades do trabalho, ou até os feriados e finais de semana, em que temos um período de descanso e, sendo uma pequena porção de tempo, muitas vezes não é usado da melhor maneira. Uma pessoa, não sabendo usar cada momento do seu tempo, entra no tédio e o usa inutilmente, sem nenhum ganho mental, nenhum benefício: acaba caindo em si mesmo por não escolher o que é útil. Assim começam a surgir erros tanto na vida pessoal quanto profissional. “O evento catastrófico começa sempre a partir de uma rarefação de sentido, rarefação de importância” (Meneghetti, 2020c, p. 386-387).

Meneghetti (2020b) nota uma necessidade da juventude em fugir de si mesmo, por não conhecer a si mesmo, não saber lidar com os seus problemas internos. E no tempo livre é onde mais nos encaramos, ou seja, nesse tempo em que não possuímos afazeres, é que somos forçados a inventar o que fazer: olhar para nós mesmos e nossas vontades e criar uma ação. Porém, por medo do que não conhecemos (a própria identidade), acabamos

caindo em escolhas fúteis que não agregam crescimento. Cada pessoa é responsável pelo que lhe é dado e todos possuímos a mesma quantia de tempo: o que diferencia é saber usá-lo da melhor maneira, de maneira ativa e não passiva diante da vida, investindo em ações que tenham como fruto a satisfação pessoal e social de si mesmo.

Diante disso, para usar o tempo da melhor forma é preciso sabermos responder ao que realmente importa nas nossas vidas e agir conforme. O tempo livre é um momento de investimento em nós mesmos: fazer o que nos agrada, aprender uma nova língua, aperfeiçoar o que já se conhece. É um curto período de tempo no dia – 10, 20, 60 minutos – que podemos investir em aprendizado contínuo, para colher resultados mais à frente. É nesse momento do tempo livre que temos a oportunidade de nos encararmos de forma positiva, isto é, olhar para nós mesmos e nos perguntarmos como estamos e o que queremos fazer. Aqui foram citados exemplos do que fazer, mas cada um achará o que será benéfico pela sua vontade.

Mas como aprender a sermos responsáveis no tempo livre fazendo o que realmente é útil para nós mesmos, se não sabemos o que realmente importa, ou seja, se não temos o conhecimento da própria identidade? Trata-se de iniciar uma atitude de autoconhecimento a partir dos pequenos afazeres cotidianos: com uma boa atenção ao que estamos fazendo, é possível entendermos a nós mesmos em cada situação em que nos colocamos.

### **2.3 Miricismo cotidiano como solução para o aproveitamento útil do tempo livre**

Miricismo: “significa moléculas, pequenas estúpidas partes. Isto é, por meio da minha situação, constituo a mim mesmo por inteiro. Por meio de qualquer ocasionalidade determino o meu inteiro” (Meneghetti, 2020d, p. 403). Das partes construo o todo. O caminho que trará vitalidade se dá nas pequenas ações diárias: tudo o que fazemos é digno de um olhar atento, reparando na base que faz o nosso dia a dia. É ter pequenas atividades básicas bem feitas, como organizar o ambiente de trabalho, do lar, planejamentos pessoais e profissionais, uma conversa com colegas de trabalho e clientes, todas com máxima qualidade: fazer o necessário daquilo que nos cabe naquele momento, pois sabendo cuidar do pequeno é que se constrói o grande.

A poeta Adélia Prado (2015), conhecida como “a poeta do cotidiano”, ao participar do programa Roda Viva, foi questionada sobre o seu modo de escrever. Perguntaram a ela se, ao ir para cidades grandes e participar de eventos interagindo com as pessoas, essas atividades perturbariam o seu cotidiano e o seu processo de trabalho ou alimentariam a sua poesia. Adélia respondeu do seguinte modo:

O que alimenta a minha poesia é [...] o próprio susto e o próprio espanto que eu tenho com a vida, e a vida que eu tenho é a de todo mundo, é só o cotidiano, eu não tenho nada de diferente [...] o que a pessoa tem mais do que isso? Essa experiência diária, cotidiana de viver e de acudir às necessidades básicas da vida.

Para tanto, dito sobre a importância do cotidiano em sua escrita, Adélia reforça a beleza e possibilidade em crescer ao prestar atenção no que estamos vivendo nos pequenos afazeres do cotidiano, usando-o como fonte inspiradora para a criação de todo o seu trabalho como poeta brasileira.

Meneghetti (2011, p. 252) destaca que “as ações mais importantes precisam de vigilância contínua, mas isso não causa estresse, porque as ações bem-sucedidas trazem riqueza”. E são as pequenas ações, como a preferência da comida, a escolha da conversa com tal pessoa; são escolhas que, quando forem executadas da melhor maneira, dão a sensação de bem-estar, de satisfação. Por isso estarmos atentos ao decorrer do dia é fundamental para agirmos de acordo com o que é benéfico a nós naquele momento, cada qual situação exige diferentes respostas: “é necessário ter tamanha funcionalidade para exercer sempre a escolha ótima segundo a ética da situação” (Meneghetti, 2011, p. 255). É saber, de fato, priorizar o mais funcional para cada momento em que estamos.

Aristóteles (2015) ressalta que, quando a ação é realizada de acordo com a sua própria excelência de natureza, o homem que a fez age com a alma e assim se sintoniza com a própria virtude. Isto é, quando realizamos ao modo que determinada situação exige, sabemos organizá-la de acordo como é. Cada qual momento tem sua própria ordem: mesmo pequeno, se usado com excelência se torna grande.

Desse modo, a responsabilidade é puramente nossa, o modo como organizamos o nosso tempo livre determina uma consequência, mais cedo ou mais tarde responderemos pelas nossas escolhas. Portanto, “a causalidade que deu todas as coordenadas das premissas foi construída antes pelo sujeito no período de uma semana ou de um mês, é o seu estilo de vida, é a não atenção para todos os particulares da sua existência que causa a queda” (Meneghetti, 2020c, p. 389). Em vista disso, assim como cada escolha boa

tem seu fruto bom, a escolha sem atenção terá seu fruto ruim.

Por conseguinte, o que fazemos ou deixamos de fazer na nossa particular existência é causalidade para problemas futuros. O erro já é um efeito das próprias ações diárias que não foram bem pensadas, foram deixadas de lado, sem a mínima importância. Dessa forma, “o erro não é na vida, não é no homem, não é de per si na sociedade, mas é na consciência do ser humano” (Meneghetti, 2014, p. 187). O erro está no próprio sofrimento de quaisquer ações: tudo aquilo que acontece a nós, de qualquer forma, somos nós que decidimos, tendo consciência disso ou não. Vista a importância das escolhas, passamos a reconhecer a responsabilidade que temos perante as decisões e consequências.

Dessa forma, quando há o erro externo, o culpado não são os outros, mas a nossa própria consciência: será preciso mudar a consciência, ou seja, o ponto de vista, e analisar o que se faz de errado. Para isso é necessária uma visão diferente sobre o que fazemos no dia a dia, uma visão de antemão, como um modo de viver de atenção e antecipação às coisas, sabendo que “a ética da vida, de fato, responde a estas perguntas: a) o que é melhor para mim aqui e agora? b) e em perspectiva do amanhã?” (Meneghetti, 2011, p. 255). Ou seja, é importante mudar a visão, o ponto de vista habitual que temos: mesmo fazendo sempre as mesmas coisas, são nelas que ajustamos o modo e acertamos. Esse é um dos caminhos do miricismo cotidiano, com esse zelo pelos contatos que temos com as situações, ocasiões e pessoas. Para iniciarmos essa novidade de nós mesmos, é exigida uma mudança de

perspectiva sobre as coisas, e a seguir será visto como iniciar tal processo.

## **2.4 Premissas para a prática do miricismo cotidiano**

Tendo em vista que as causas dos acontecimentos diários são puramente as próprias escolhas, e as nossas escolhas iniciam na mente, logo, o primeiro passo para acertar é fazermos uma limpeza mental, a fim de ter clareza na hora das decisões diárias. Atingirmos uma ordem de pensamentos, exatidão e coerência mental gera maior funcionalidade do momento, porque assim temos o controle do que acontece no nosso dia a dia. Por exemplo, se fizermos uma breve revisão antes de dormir para rever os passos dados durante o dia, saberemos se poderíamos ter feito melhor, e também já aproveitaremos para organizar o próximo dia. Ou até mesmo um momento do dia parar com alguns minutos e rever como está a vida, como alguém que analisa a casa que está em desordem, assim pronta para uma limpeza, se perguntando onde é o lugar certo para cada coisa.

Essa limpeza de pensamentos gera ordem, porque vemos com mais clareza a própria vida e, quando as coisas estão em ordem dentro, elas inevitavelmente possuem beleza. Beleza no sentido de que é a consequência daquilo que conheço, porque tenho uma visão mais alargada da dinâmica atual da minha vida. Meneghetti entende o belo como: “Um prazer do conhecimento, não dos sentidos: o belo é específico da inteligência. É o prazer – quando existe – que resulta do ato de conhecer” (Meneghetti, 2014, p. 43). Tendo em mãos os passos dados, podemos sentir melhor, prontos para iniciar outros trabalhos, outros projetos,

outras atividades, porque estaremos bem com nós mesmos e livres de empecilhos.

Dessa forma, a primeira beleza a ser cultivada é a interior, depois ela se manifesta, refletindo no externo, no contexto onde se está, como forma de projetos pessoais e profissionais. Tendo certa ordem interior, tudo o que está fora, no contexto, ordena-se como um reflexo do próprio sujeito. Se a mente está clara, buscamos somente coisas agradáveis: o nosso intelecto intenciona tudo o que é semelhante a ele, existe uma própria seleção temática daquilo que nos convém (Meneghetti, 2014).

## **2.5 Conhecer a própria identidade para alcançar a escolha ótima**

Todo o conteúdo citado até esse ponto – a valorização do tempo e a responsabilidade frente à nossa identidade, o miricismo cotidiano como aproveitamento dos detalhes que passam despercebidos e a ordem mental para que seja praticado – será retomado e aberto sobre a identidade que carregamos desde o nascer.

Assim, Meneghetti (2011) faz uma analogia sobre o corpo humano ser um instrumento musical, dissertando que, para qualquer música sair perfeita, é preciso ter o manuseio exato de um instrumento: devemos, portanto, conhecê-lo, saber usá-lo, afiná-lo com o objetivo de ter no resultado uma clareza de som, de modo que soe agradável ao ouvir. A utilização do corpo, ou do intelecto, é o mesmo: saber para manusear bem. Portanto, cuidar do próprio corpo, conhecê-lo, estar atento à própria fala e às próprias sensações fornece a possibilidade de uma organização

interior para colocarmos em ação aquilo que planejamos, aquilo que queremos.

Visto que o nosso intelecto seleciona aquilo que condiz a ele, é preciso ter o conhecimento da nossa identidade para distinguir se o que selecionamos é bom ou não. Saber o que faz bem a nós mesmos, o que agrega conhecimento e vitalidade é ter as rédeas da própria vida, ter autocontrole nas situações. Caso não soubermos, viramos objeto da vida, aceitando tudo o que nos vem, sem nenhum filtro. E para isso, é preciso conhecer a própria identidade como base para a escolha ótima. Meneghetti menciona que o homem é o portador da própria verdade: “A verdade não está nos estereótipos e na sociedade: a própria exclusiva verdade está no individual. Em Si ôntico, essa semente ou bússola da vida que cada um tem dentro de si” (Meneghetti, 2020a, p. 113). O Em Si ôntico dá a coordenada exata do que deve ser feito, ele é a nossa própria verdade e cada um a tem de maneira diferente do outro, nenhuma se repete.

De modo que este assunto vem sendo estudado ao longo do percurso da Ciência Ontopsicológica, outros autores apropriam-se do tema para si e escrevem a esse respeito. Um exemplo é do médico Horácio Chikota (2013), que em seu artigo comenta qual é a postura que um líder obtém para ter clareza de sua lógica: a leitura da própria psicologia e daquela que o envolve ao entorno, de modo que saiba o que o faz agir de tal maneira a partir do seu íntimo, da sua psicologia.

Como Meneghetti cita: “O saber aumenta o espaço da própria vida, o abraço das coisas que existem. Se o homem organiza bem o seu fato existencial, vive mais e melhor, percebe a vida com satisfação. Colhe um prazer utilitarista-funcional à própria individualidade

e sociabilidade” (Meneghetti, 2021b, p. 311). Aumenta porque gera uma visão ampla de tudo o que diz respeito a ele, sendo todas as ações executadas com base na sua identidade.

Meneghetti explica que, quanto mais a própria verdade é entendida pelo indivíduo, mais responsabilidade ele tem sobre ela, uma existe na mesma proporção da outra: “por quanto és, tanto tens necessidade de responder, de coordenar, de dar, de fazer, de evoluir” (Meneghetti, 2022, p. 511-512). A palavra “responsabilidade” de raiz latina *respondere*, significa “situação psicológica na qual o sujeito é necessitado a responder” (Meneghetti, 2021a, p. 247). Quanto mais se conhece a própria identidade, mais se sabe o que funciona para si e o que não funciona, logo a responsabilidade aumenta porque se sabe o que tem de ser feito. Todavia, se não respondemos, é consequente o erro. Assim, existem dois tipos de erros:

Se o erro é posto pelo externo, não causa dor, porque a exatidão íntima permanece: ao final do curso, quando é posto pelos outros, o erro é sempre uma situação histórica que não compromete o Em Si. Quando, ao invés, é o sujeito que coloca o erro, esse último compromete o Em Si, então deprecia o indivíduo e o aliena do metafísico, do horizonte do Ser (Meneghetti, 2022, p. 511).

O autor menciona o ato de errar contra si mesmo como o pior de todos, visto que há uma ordem a ser seguida, uma ordem de natureza, que é coordenada pelo critério orgânico, visto no item 2.1 anteriormente. É dele que parte a vontade do que fazer conforme à identidade e, se não é feita, ocorre o erro e a tristeza.

Diante disso é de suma importância nos experimentarmos todos os dias, a todo momento, para saber se alguma ação é útil, funcional e condiz com a nossa própria

identidade. A nossa identidade é única, imutável, mas o que ela escolhe não é imutável, ela quer novidade a cada dia porque a vida muda a cada instante: as células de nosso corpo já não são as mesmas de cinco anos atrás, até mesmo o planeta Terra não permanece parado no espaço, mas sempre está em movimento e em direção ao centro que lhe fornece luz. Olhar para o próprio centro todos os dias garante um reforço no conhecimento sobre si, assim Meneghetti menciona: “Cada segundo não se pode ter os pés sobre o mesmo ponto onde estavam antes. Por isso, se o sujeito é fixo, já não é mais a si mesmo, porque a realidade em torno já mudou, *somos semoventes em um infinito semovente*” (Meneghetti, 2020a, p. 293). Uma vez que mudamos o tempo todo, logo, aquilo que gostávamos antes pode não servir agora. Então é de suma importância manter um olhar novo a cada dia, um olhar de “turista” para a vida, a começarmos pelas pequenas coisas.

É uma contínua atualização para sermos conforme ao nosso Em Si, a nossa própria verdade. O importante é verificar momento a momento a si mesmo, ver se as escolhas são conforme ao que somos. Como Meneghetti cita: “Caso se queira o ‘mais’ de si mesmo, deve-se controlar os próprios remotos particulares, as migalhas, a poeira, o próprio pequeno miricismo cotidiano” (Meneghetti, 2020c, p. 390). Quando prestamos atenção aos pequenos afazeres da vida, os grandes acabam por se constituir em base nesses pequenos, e no tempo livre é que temos a oportunidade de ver essas pequenas coisas que fazemos. Continuamente, a vida manda situações novas e temos a oportunidade e capacidade em responder com excelência, mantendo a coerência do escolher conforme ao que se é.

A cultura do tempo livre, o amor para a individualidade de vocês, para a personalidade de vocês, deve ser entendido não como confronto, como antítese com os outros, mas como contínua descoberta, valorização, incremento de si próprio como alma, como espírito. Porque o Em Si ôntico aumenta: quanto mais você sabe fazer aquilo que é e expõe em ato o seu potencial e mais você entra em uma alegria nova, em uma participação nova da vida, do Ser. Não existe um átimo de felicidade igual ao outro (Meneghetti, 2020c, p. 429).

O aumento, a expansão do Em Si ôntico é conforme fazemos escolhas com base nele: quanto mais realizamos o que somos, mais sentimos prazer em ser quem somos. Quando fazemos conforme ao que somos, definimos um critério do que é bom ou não, agimos conforme a identidade e assim é atingida a pequena excelência do cotidiano. Dia após dia, essa excelência de ações pode ser alcançada, com atenção e respeito a si mesmo. O que fazemos, para ser excelente, deve ser conforme à identidade.

### 3 Considerações Finais

Foi verificado, no presente trabalho, que, conforme conhecemos a nós mesmos, adquirimos mais responsabilidade pelo que fazemos ou deixamos de fazer. Assim é dirigido o próprio pequeno tempo livre no próprio miricismo cotidiano, com atenção aos particulares para construir com máxima excelência a própria existência. O pensamento de Aristóteles reforça uma ideia paralela, visto que, quando o próprio ato é conforme ao que o momento pede, isto é, a virtude do momento, o ser humano também encontra essa virtude dentro de si, a própria virtude.

Como realçado pela Ciência Ontopsicológica, em cada momento o ser humano tem a possibilidade de agir a sua

vontade, que é condizente à sua ordem de natureza. Assim, foi visto que o Em Si ôntico mostra a cada momento a escolha ótima para cada situação, do mais simples momento de decisão, como escolher um alimento, uma roupa, dispor os objetos no ambiente, até a momentos que exigem mais responsabilidade de uma pessoa. A qualidade da consequência em cada um dos momentos vai ser na medida em que se escolhe na sua identidade ou não: obtêm-se bons frutos quando é visada a mesma. Isso é responder a uma funcionalidade para si mesmo que corresponda à sua identidade. Portanto, visando a própria identidade, é consequencial a escolha ótima.

Com responsabilidade em manter o critério sendo a própria identidade, visando escolhas de crescimento, a pessoa se manterá sujeita a não falhar contra ela mesma. Para isso, a vigilância constante em seu tempo livre é indispensável, assim como ter uma higiene mental, mantendo um raciocínio mais claro, colocando ordem e prioridade nos afazeres do tempo livre, fica mais fácil não cair em erro. Na medida em que uma ordem começa dentro de nós, com escolhas coerentes ao que somos, com prioridade no agir, com clareza mental, vigilância no tempo livre, isso trará como consequência escolhas claras que nos fazem ser mais a nossa identidade. Assim, o sujeito encontra a si mesmo na ação bem feita, pois responde à própria ação que é idêntica a ele. Então, Meneghetti ressalta com uma analogia: “cada um de nós é cultivador direto da própria semente: cada um se torna por como sabe cultivar-se” (Meneghetti, 2020b, p. 152). Portanto, entender a si mesmo no próprio miricismo cotidiano para cultivar com excelência a própria existência.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas: Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- CHIKOTA, H. O líder, o miricismo cotidiano, a vantagem e a auto-sabotagem. *In*: MENEGHETTI, Antonio. **Atos do Congresso Business Intuition**. 2. ed. São Paulo: FOIL, 2013. p. 175-179.
- MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e Realidade Cotidiana**. 2. ed. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2020a.
- MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Falando aos jovens**. Vol. III. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020b.
- MENEGHETTI, A. **O projeto homem**. 3. ed. Recanto Maestro Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. 2. ed. Recanto Maestro: FOIL, 2020c.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.
- MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... A riqueza como arte de ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021b.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.
- MENEGHETTI, A. **OntoArte: o Em Si da Arte**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020d.
- PRADO, A. **Adélia Prado – 24/03/2014**. YouTube, 19/03/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E2afhdOogI&t=1204s>. Acesso em: 22 dez. 2023.